



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS GUAJAJARAS

ANGÉLICA MARIA SILVA CARVALHO
NATANIELY NEVES CAMARGOS
SIMONE DOS REIS

O *BULLYING* NA INFÂNCIA E SEUS EFEITOS NA VIDA ADULTA

BELO HORIZONTE

2021



ANGÉLICA MARIA SILVA CARVALHO
NATANIELY NEVES CAMARGOS
SIMONE DOS REIS

O BULLYING NA INFÂNCIA E SEUS EFEITOS NA VIDA ADULTA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia, do Centro Universitário Una, Cidade Universitária, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharelado em psicologia.

Professor Orientador: MS. Túlio Louchard Picinini Teixeira

BELO HORIZONTE

2021



RESUMO

A temática *bullying* está se tornando cada vez mais discutida entre educadores e profissionais de saúde por causa de seus impactos psíquicos na vida de crianças e adolescentes. Entretanto, pouco se discute os impactos desse abuso a longo prazo na vida das vítimas. Pensando nisso, o seguinte trabalho tem como objetivo investigar os efeitos do *bullying* escolar no desenvolvimento do sujeito e como esse abuso pode impactar na vida adulta. Para atingir o objetivo proposto, o referido estudo fundamentou-se nos pressupostos teóricos de muitos estudiosos da área, buscando identificar os conceitos, causas e consequências do *bullying*, bem como a causa da violência escolar e a importância do psicólogo no combate ao *bullying*, para que assim, o tema central fosse introduzido. A violência infanto-juvenil deixa marcas profundas no indivíduo que reverberam até a idade adulta. Sendo assim, é importante que os profissionais da área da saúde mental entendam que alguns transtornos podem ter origens mais profundas do que as manifestações atuais.

Palavras-Chaves: *Bullying*; Escola; Educação; Desenvolvimento; Psicologia.



ABSTRACT

The *bullying* theme is becoming increasingly discussed among educators and health professionals because of its psychological impacts on the lives of children and adolescents. However, there is little discussion about the long-term impacts of this abuse on the victims' lives. With this in mind, the following work aims to investigate the effects of school *bullying* on the subject's development and how this abuse can impact adulthood. To achieve the proposed objective, this study was based on the theoretical assumptions of many scholars in the field, seeking to identify the concepts, causes and consequences of *bullying*, as well as the cause of school violence and the importance of the psychologist in combating *bullying*, so that the central theme was introduced. Child-juvenile violence leaves deep marks on the individual that reverberate into adulthood. Therefore, it is important that mental health professionals understand that some disorders may have deeper origins than current manifestations.

Keywords: *Bullying*; School; Education; Development; Psychology



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 O que é <i>bullying</i>	8
2.1.1 Como surgiu o termo <i>bullying</i>	10
2.1.2 A escola como principal cenário da prática do <i>bullying</i>	11
2.1.3 Século XXI e o <i>Cyberbullying</i>	12
CAP 3. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	13
3.1 Como elaborar intervenções para auxiliar vítima e agressor.....	13
3.1.1 Como prevenir situações de <i>bullying</i> no ambiente escolar.....	16
CAP 4. BULLYING: UMA QUESTÃO SOCIAL	17
4.1 Fatores sociais e causas determinantes que incentivam a prática do <i>bullying</i>	17
4.1.1. Porque a violência nas escolas é tão comum no Brasil e no mundo?.	19
CAP 5. IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO BULLYING NA VIDA ADULTA	21
5.1 Doenças psicossomáticas como consequência do <i>bullying</i>	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32



1 INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, é inquestionável que o *bullying* é um fenómeno que está presente em todas as classes sociais, causando dor e angústia. É executado dentro de uma relação desigual de poder, envolvendo vítimas, agressores e testemunhas (ROSA, 2010).

De acordo com Silva, Oliveira e Brotherhood (2012 p.202), o *bullying* abrange todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por uma ou mais pessoas contra outra. Sabemos que ele ocorre com maior frequência no ambiente escolar, e pesquisas apontam que as crianças e adolescentes que sofrem ou testemunham situações de *bullying*, são mais propensas a desenvolverem quadros de sofrimentos e problemas psicossociais. O trabalho procurou demonstrar como a psicologia pode contribuir nestes aspectos, tanto na prevenção quanto no auxílio tanto das vítimas, quanto dos agressores, e também sobre a importância de uma equipe pedagógica capacitada nas escolas para que possa dar suporte às vítimas. Ao observar o cenário, sabe-se que há um despreparo significativo por parte das escolas nesse quesito.

Abordaremos brevemente ao longo do texto sobre o *cyberbullying*, pois apesar de não ocorrer no ambiente escolar, as mídias sociais têm auxiliado na propagação dessa violência. A internet tem contribuído e gerado uma nova forma de agressão, tendo em vista que a tecnologia nos tempos modernos tem alterado o modo de vida da sociedade contemporânea, interferindo consideravelmente nos meios de comunicação e nas relações humanas (VIEIRA, 2006).

A busca pela prevenção ao *bullying* tem crescido significativamente, e para encontrar essa solução é preciso haver uma parceria contínua entre a escola e os pais. A presença de um psicólogo escolar, se torna cada vez mais importante, tendo em vista que ele irá atuar adotando medidas preventivas como na identificação de situações, atuando como agente de mudanças, promovendo reflexões e garantindo construções de relações mais saudáveis, através da utilização de diversas práticas



profissionais que a ele competem. Irá atuar também como orientador e mediador para tratamento consequente das agressões (MEDEIROS, 2015).

De acordo com os estudos levantados, quase não se investiga sobre os fatores sociais que incentivam a prática do fenómeno *bullying*. Este trabalho traz algumas das possíveis razões que podem levar autores de *bullying* ao comportamento agressivo, sendo uma delas as relações familiares, que podem influenciar diretamente no envolvimento de estudantes com a violência. (REIS, 2020).

Portanto, sabemos que a infância e a adolescência, são etapas fundamentais no desenvolvimento físico e psíquico do sujeito, portanto, é importante que os jovens sejam protegidos, para que não haja traumas e prejuízos na estrutura psíquica do sujeito. Abordaremos também sobre estes aspectos e consequências que a vítima poderá sofrer ou desenvolver, bem como as doenças psicossomáticas desencadeadas pelo *bullying* como transtorno do pânico, depressão, dentre outros (MARTINS e TORRES, 2016).

Assim, delinearão-se os seguintes objetivos da pesquisa: O objetivo geral foi analisar quais os impactos do *bullying* no desenvolvimento do indivíduo e o que ele pode acarretar na vida adulta. Mas para ter uma resposta mais eficaz, traçou-se os objetivos específicos: Analisar como se dá o desenvolvimento afetivo e emocional das vítimas de *bullying*, relatar como a exposição ao *bullying* na infância pode impactar nas relações sociais do indivíduo na vida adulta, investigar como a psicologia pode contribuir para ajudar as vítimas a superarem os traumas desencadeados pelo *bullying*.

A seguinte pesquisa possui carácter exploratório, pautada no levantamento bibliográfico a partir da análise de obras de autores com grande conhecimento no tema, a fim de analisar os impactos do *bullying* no desenvolvimento do indivíduo e como ele pode impactar na vida adulta.

A partir da análise dos dados coletados, foi realizado um estudo do tema central desta pesquisa, buscando identificar quais são os impactos psicossociais vivenciados pelos adultos que sofreram *bullying* durante a infância.

Contudo, este estudo traz informações sobre este fenómeno tão sério e impactante, e favorece a identificação de fatores que compõem ou justificam o *bullying*



entre os estudantes, sendo um importante ponto de partida para as ações de cuidado em diferentes áreas como a educação e a saúde. Objetiva-se evidenciar o que pesquisadores têm produzido acerca do *bullying* entre adolescentes, bem como as consequências, percepção dos adolescentes e estratégias interventivas que suportem e amparem profissionais e adolescentes acerca do *bullying* (OLIVEIRA et al., 2018).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O que é *bullying*?

Segundo Quintanilha (2011 p.60), a palavra *bullying* caracteriza-se mundialmente como um agrupamento de condutas agressivas, repetitivas e intencionais sem motivo aparente, praticadas por um ou mais alunos contra outro, ocasionando angústia, dor ou sofrimento. Para Neto (2005 p. 444), o *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro (s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Este difere de outros tipos de agressões justamente pelo fato de ser um comportamento repetitivo, deliberado e intencional, não se referindo a divergências de ponto de vista ou de ideias contrárias que provocam desentendimentos e brigas. O que torna graves os atos de incivilidade, intimidação, assédio ou qualquer outro termo que se queira relacionar ao *bullying* é exatamente a sua continuidade, que causa às vítimas sensações de abandono e insegurança e aos agressores o sentimento de impunidade e poder (FREIRE e AIRES, 2012).

De acordo com Sousa *et al.* (2011 p.13), apud Chalita (2008, p. 81), “O fenômeno *bullying* não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e jovens, em escolas de países e culturas diferentes. ” O termo *bullying* descreve uma ampla gama de comportamentos que podem afetar a propriedade, o



corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa.

Outro conceito sobre o termo *bullying* é o da Lei Federal 13.185/2015 conforme citado no Artigo 1º é definido como:

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Brasil, 2015 p.13).

O *bullying* possui três modos de manifestação, sendo elas: a forma indireta, que ocorre em forma de agressão verbal, a forma direta, que constitui em agressões físicas e a psicológica, que é resultado das manifestações direta e indireta, gerando sofrimento das vítimas. Os resultados são devastadores para as vítimas, levando ao isolamento, depressão e em casos mais extremos à prática do suicídio. (SILVA e BORGES, 2018).

O *bullying* também pode ser descrito em três situações: *bullying* físico, *bullying* social, *bullying* verbal e relacional. Com o avanço da tecnologia e da internet, surgiu uma nova forma de praticar o *bullying*, chamado *cyberbullying*, que será detalhada mais abaixo.

O mais praticado e fácil de identificar é o *bullying* físico. Este ocorre quando incluem: bater, dar tapas, cotoveladas e empurrões com os ombros. Empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente. Chutar. Tomar, roubar, danificar ou desfigurar pertences. Restringir. Beliscar. Enfiar a cabeça da outra criança no vaso sanitário. Enfiar outra criança no armário. Atacar com comida, cuspe, e assim por diante. Ameaças e linguagem corporal intimidadora (QUINTANILHA, 2011 apud BEANE, 2010 p.40).

Quando ocorre um ou mais desses exemplos, é chamado *bullying* verbal. O tipo verbal inclui práticas que consistem em insultar e atribuir apelidos vergonhosos ou humilhantes. O tipo relacional é aquele que afeta o relacionamento social da vítima com seus colegas. Ocorre quando um adolescente ignora a tentativa de aproximação de um colega deliberadamente. Este tipo se torna mais prevalente e prejudicial a partir da puberdade, uma vez que as crianças aprimoram mais suas habilidades sociais e a aprovação dos pares se torna essencial. Já o tipo eletrônico, ou *cyberbullying*, ocorre



quando os ataques são feitos por vias eletrônicas. Estes tipos incluem *bullying* através de e-mail, mensagens instantâneas, salas de bate-papo, web site ou através de mensagens digitais ou imagens enviadas pelo celular (BANDEIRA e HUTZ 2012, apud BERGER, 2007).

Existem diferentes papéis no cenário do *bullying*. Normalmente, os papéis se dividem entre agressor, vítima e testemunhas. O agressor do *bullying* é aquela criança que agride outra, supostamente mais fraca, com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima. De acordo com Neto (2005), a vítima de *bullying* é aquela criança que é constantemente agredida pelos colegas e, geralmente, não consegue cessar ou reagir aos ataques. Normalmente as vítimas apresentam-se mais vulneráveis à ação dos agressores por algumas características físicas, comportamentais ou emocionais. Podemos citar, dentre elas, o fato de ter poucos amigos, ser passivo, retraído e possuir baixa autoestima (BANDEIRA e HUTZ, 2012).

Já as testemunhas, são aquelas crianças e adolescentes que não se envolvem diretamente em *bullying*, mas participam como espectadores. Grande parte das testemunhas sente simpatia pelas vítimas e se sente mal ou triste ao presenciar colegas sendo vitimizados (BANDEIRA e HUTZ 2012, apud BERGER, 2007).

A exposição contínua ao *bullying* na infância pode acarretar diversos problemas às vítimas na fase adulta, portanto, é importante que a escola sempre esteja atenta a qualquer sinal dessa violência (ALBUQUERQUE, WILLIAMS e D’AFFONSECA, 2013).

2.1. Como surgiu o termo *bullying*

A palavra *bullying* deriva do inglês *bully*, que apresenta duas definições; como substantivo o termo *bully* significa agressor e como verbo significa intimidar, e o seu derivado *bullying* definido como comportamento agressivo (HUMPEL, BENTO e MADABA, 2019).



O tema chegou ao Brasil no fim dos anos 90 e início de 2000, e as pesquisas realizadas englobam apenas a realidade dos locais onde eram realizadas. Mas, na década de 80, já se realizavam estudos sobre a depredação de prédios escolares e aos poucos os estudos atingiram as relações interpessoais agressivas (FREIRE e AIRES, 2012).

O professor e pesquisador norueguês Dan Olweus foi o primeiro a relacionar a palavra *bullying* ao fenômeno. Em 1982, três crianças se suicidaram no norte da Noruega. Tinham idade entre 10 e 14 anos e o motivo de tal acontecimento foram as constantes agressões sofridas por eles na escola (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020).

2.1.2 A escola como principal cenário da prática do *Bullying*

Bandeira e Hutz (2012 p.550), afirmam que o ambiente escolar desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento social de crianças e adolescentes. As instituições de ensino atuam como cenário de vários processos e fenômenos grupais, dentre eles a violência escolar.

A violência nas escolas é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil (NETO, 2005 p.32). De acordo com Rosa (2010 p.54), a violência nas escolas é um fenômeno real que já faz parte dos problemas sócio-políticos do país, sendo o *bullying* uma de suas principais manifestações.

O *bullying* escolar pode ser descrito como um fenômeno social, que possui características específicas e deve ser analisado a partir das peculiaridades de cada contexto, considerando a subjetividade dos envolvidos bem como as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade (FREIRE; AIRES, 2012 p.7). Logo, é preciso investigar os fatores que estão levando os estudantes a agirem de forma agressiva, interpretando o fenômeno da violência escolar de modo a compreender os problemas interpessoais e macrossociais, partindo da análise das relações existentes entre os diversos ambientes nos quais os indivíduos estão inseridos (FREIRE; AIRES,



2012 apud CHIORLIN, 2007). Para que isso seja possível, é necessário que haja nas escolas a presença do psicólogo escolar/educacional, pois ele irá contribuir para o reconhecimento de comportamentos e atitudes que dificultam as relações interpessoais, que geram conflitos e que podem levar ao aparecimento de atos de violência e agressividade entre os alunos (FREIRE; AIRES, 2012).

Além disso, cabe a escola não permanecer indiferente ao tema e nem naturalizar os fatos, como se fosse apenas uma “brincadeira” e, nesse caso, é importante que se trabalhe no contexto escolar temas como *bullying*, agressividade, violência dando oportunidades aos alunos de discutir o assunto. Prevenir situações de *bullying* no ambiente escolar é a melhor forma de proteger as vítimas de problemas associados ao trauma no futuro (OLIVEIRA, 2015 p333).

2.1.3 Século XXI e o *Cyberbullying*

A alta tecnologia nos tempos modernos tem alterado o modo de vida da sociedade contemporânea, interferindo consideravelmente nos meios de comunicação e nas relações humanas, e em um cenário onde o físico e o virtual caminham juntos, essa cumplicidade contribuiu para o hábito de novas práticas comportamentais. Dentre elas se destaca o *cyberbullying*, que é a extensão da prática do *bullying*, no plano virtual (VIEIRA, 2006).

De acordo com Porfírio (2015 p.3), a palavra *cyberbullying* é a junção de duas palavras da língua inglesa, *bullying* e *cyber*, onde “*bully*”, como visto, significa valentão, como visto e “*cyber*” deriva de cibernético (rede de comunicação virtual). Schreiber e Antunes (2015 p.75), dizem em seus estudos que mesmo havendo diversidade de definições sobre o conceito, é possível perceber que em termos gerais o *cyberbullying* se caracteriza pelo mesmo fenômeno do *bullying*, porém sua prática é realizada através da internet, por meio das plataformas digitais de comunicação. Portanto, o *cyberbullying* está relacionado a violência cibernética, ou seja, o *Bullying* praticado exclusivamente por meios das redes virtuais.



A prática pode surgir como mensagens de foro intencional, de forma repetida e excludente, cujo objetivo maior é trazer constrangimento e ridicularização das suas vítimas. Outras maneiras de praticar o *cyberbullying*: exposição de fotografias ou montagens constrangedoras; divulgação de fotografias íntimas; críticas à aparência física, mensagens repetitivas contendo ameaças; assédio virtual (difamação, fofoca, insulto), entre outros (SCHREIBER; ANTUNES, 2015).

Segundo Balogh, (2020 p.14) o círculo do *Cyberbullying* começa com a escolha da vítima pelo agressor, e então o processo se inicia com intimidação da vítima, em muitas ocasiões o agressor utiliza de um perfil falso para não ser identificado, e posteriormente faz postagens e comentários sobre a vítima a fim de causar constrangimento, vergonha e raiva, esses ataques virtuais quando continuados podem provocar maiores danos à saúde, como esgotamento físico, perda do apetite, insônia, esgotamento mental e emocional, e em casos extremos, na impossibilidade da vítima conseguir lidar com o problema, o *cyberbullying* pode provocar crise de ansiedade, depressão, pânico podendo levar o indivíduo a cometer suicídio. Vale ressaltar que o *cyberbullying* causa os mesmos impactos do *bullying* nas vítimas e ambos podem causar impactos a longo prazo.

3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA

3.1. Como elaborar intervenções para auxiliar vítima e agressor no ambiente escolar.

Segundo Medeiros (2015 p.64), as violências desencadeadas pelo *bullying* são devastadoras, e podem trazer danos irrecuperáveis a longo prazo tanto para vítima quanto para o agressor. Os agressores por exemplo, podem sofrer consequências como alcoolismo, envolvimento com drogas e criminalidade, autoritarismo, insubordinação, tentativas de suicídio, assassinatos em massa, entre outros, já as vítimas podem desencadear doenças emocionais, vir a sofrer com baixa autoestima; insegurança, ansiedade, depressão, problemas psicossomáticos, síndrome do pânico, dificuldade de relacionamento social e afetivo, tentativa de suicídio e suicídio.



Diante da violência provocada pelo *bullying*, principalmente no ambiente escolar, se percebe a necessidade de uma equipe pedagógica capacitada que possa oferecer suporte psicológico às vítimas e agressores, porém é possível observar o despreparo das escolas frente ao combate nas situações de violência, isso se deve a escassez de capacitação dos professores e da equipe educacional, bem como a limitação de recursos materiais, ou humanos para elaboração de intervenções que deem suporte na erradicação do *bullying* (SILVA, 2013).

De acordo com Medeiros (2015 p. 40), silenciar-se diante das provocações ou simplesmente pedir para que o agressor não agrida sua vítima, não é a maneira mais eficiente de combate ao *bullying*. Cabe ressaltar que é de suma importância o professor buscar informação e orientação pedagógica acerca do fenômeno *Bullying*, a fim de detectar pequenas manifestações de agressividade no comportamento de um aluno em sala de aula, de maneira que possa contribuir para a prevenção e a não disseminação do ato no ambiente escolar (MEDEIROS, 2015).

Em estudo realizado por Silva (2013 p.84), foram levantados alguns conceitos e estratégias para aconselhamento de vítimas e autores de *bullying* a fim de identificar o papel de cada um, ou seja, agressor e agredido e as maneiras como um conselheiro educacional se prepara e aplica metodologias de intervenção para contenção das atividades de violência escolar.

Medeiros (2015 p.65), diz que é necessário elaborar uma abordagem que “se aplique” ao agressor e agredido, como uma forma de sensibilizá-los, podendo trazer para sala de aula relatos de casos de violência física, moral e psicológica, bem como as consequências que o *bullying* pode causar às suas vítimas, demonstrando através desses relatos o quanto este fenômeno é prejudicial para o desenvolvimento do indivíduo e como pode ser evitado. Outra maneira de exemplificar o *bullying* como método de intervenção preventiva é trabalhar com peças teatrais com inversão de papéis, utilizando da tentativa de um se colocar no lugar do outro abrindo espaço para ambos expressarem como se sentiram.

Segundo Abreu (2013 p.484), dentro das escolas, cenário principal da prática de *bullying* os professores precisam estar atentos a sinais precoces de exclusão, insultos, agressões verbais, buscando observar de maneira empática a



identificação de passividade de alunos frente a possíveis agressores, de modo que se possa prevenir o ato de violência. Mas para que isso aconteça há uma necessidade de confiança e cumplicidade entre alunos e professores para que qualquer eventual problema possa vir a ser identificado, e através do diálogo medidas possam ser tomadas.

Antes de qualquer intervenção frente ao cenário de *bullying* no ambiente escolar é extremamente relevante a identificação precoce do problema, mesmo antes que ele ocorra. Etapas desse processo se dão com vínculo de confiança entre aluno e professor, diálogo aberto e comunicação eficaz, promoção de pesquisa e debates sobre o tema e medidas de intervenção caso seja necessário, como a introdução de um Conselheiro Educacional Familiar (CEF) que assistirá o aluno no processo de desenvolvimento usando de técnicas como aconselhamento pessoal e escuta (SILVA, 2013).

Ainda de acordo com Silva (2013), a especialidade do aconselhamento é uma modalidade nova, não tendo dados específicos que comprovem sua eficácia, no entanto o papel do Conselheiro Educacional Familiar é conhecido por aprimorar relacionamentos, orientar, sustentar, encaminhar e reconciliar pessoas, e que o mais relevante no processo de aconselhamento é a comunicação, pois é através do diálogo, e do vínculo de confiança estabelecido entre conselheiro, vítima e agressor é que se produz espaço para manifestação dos problemas que originaram o comportamento passivo ou agressivo.

Dentre as ferramentas úteis para prevenção ou intervenção acerca do *bullying* estão: escuta atenta e empática, o estímulo ao diálogo, a construção da confiança e vínculo de afeto, a reflexão crítica frente às situações, a responsabilização dos atos e o arrependimento, o incentivo à participação social escolar e familiar, e principalmente o acolhimento da dor das partes envolvidas (ABREU, 2013).

3.1.1. Como prevenir situações de *bullying* no ambiente escolar



De acordo com Silva e Borges (2018), é inquestionável que o *bullying* tem tomado proporções assustadoras nos últimos anos e cresce em escala mundial, trazendo consequências para toda a sociedade. Os danos causados tanto às vítimas quanto aos agressores, muitas vezes se tornam irreparáveis do ponto de vista psicológico. Por este motivo, os profissionais da área têm buscado encontrar soluções que minimizem as consequências dessa violência no âmbito escolar (PEREIRA, 2012).

Silva e Borges (2018 p.12), descrevem que as instituições de ensino desenvolvem um papel fundamental no processo de combate ao *bullying*, uma vez que o relacionamento entre professor e aluno propicia a descoberta dessa violência. Mas para que isso ocorra, é preciso conscientizar os profissionais ligados ao espaço escolar sobre o *bullying*, para que eles possam atentar-se para sinais de violência, procurando neutralizar os agressores bem como assessorar as vítimas e transformar os espectadores em principais aliados (PEDROSA, 2015).

Além disso, é possível tomar algumas iniciativas preventivas como o aumento da supervisão na hora do recreio e intervalo; evitar em sala de aula atitudes como menosprezo, apelidos, ou rejeição de alunos, por qualquer que seja o motivo, além de promover debates sobre as várias formas de violência, respeito mútuo e a afetividade, tendo como foco as relações humanas (PEDROSA, 2015 p.45).

O enfrentamento do *bullying* envolve uma parceria contínua entre os pais e a escola. Juntos, família e escola devem reconhecer que o problema existe, buscar informações sobre o problema e agir em conjunto para minimizá-lo (SILVA e BORGES, 2018).

Ainda de acordo com Silva e Borges, (2018), a família deve aprender a diagnosticar qualquer sinal diferente dos filhos e a não ignorar esse sinal. Caso o aluno esteja sofrendo *bullying*, os pais devem procurar ajuda de profissionais e apoio da escola para denunciar essa ocorrência, além de buscar solucionar o problema, ao invés de revidar as agressões ou buscar o afastamento dos colegas.

E por último, mas não menos importante, o profissional de psicologia possui um papel fundamental no enfrentamento ao *bullying*, uma vez que ele atua na prevenção e no acolhimento das vítimas, que podem apresentar manifestações



psíquicas a longo prazo como consequência da agressão velada (MENDES, SOARES e SAGAZ, 2011).

O psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento do *bullying*, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Mas, para isso, é de fundamental importância que o profissional esteja inserido no ambiente da escola, participando do seu cotidiano para que possa ter uma atuação específica e mais voltada para aquela realidade (FREIRE e AIRES, 2012 p. 213).

O psicólogo escolar atua como agente de mudanças, capaz de promover reflexões a respeito do tema da violência, garantindo a construção de relações mais saudáveis e evitando o surgimento de qualquer forma de violência nas escolas (FREIRE e AIRES, 2012 p.2014). O psicólogo poderá intervir com os pais, alunos, professores e demais funcionários da escola utilizando-se de recursos como palestras, oficinas, com apoio de equipe multidisciplinar inserindo o tema *bullying* como material informativo, e promoção de campanhas *anti-bullying* (MENDES; SOARES; SAGAZ, 2011).

Sendo assim, o psicólogo atua na mediação de conhecimentos, valores, normas e atitudes positivas, auxiliando tanto os profissionais quanto os alunos a lidarem com suas emoções, criando espaços para a expressão de afeto e contribuindo para a reflexão e melhoria das relações sociais na escola (FREIRE; AIRES, 2012).

4 BULLYING: UMA QUESTÃO SOCIAL

4.1 Fatores sociais e causas determinantes que incentivam a prática do *Bullying*

De acordo com estudo realizado por Reis (2020 p.25), quase não se investiga sobre os fatores sociais que incentivam a prática do fenômeno *bullying*. Em pesquisa realizada pelo autor, foram levantados alguns dados sobre os responsáveis pelo *bullying* e a conclusão que se teve é que dentre os entrevistados, a maioria associa a ação do *bullying* ao prazer e a diversão. Os entrevistados disseram que de alguma maneira o ato proporciona a capacidade de lidar com as próprias



adversidades, e os mesmos sugerem que as vítimas tenham a mesma percepção, ou seja, para os praticantes de *bullying* suas vítimas levam as atitudes na "brincadeira".

A incompreensão sobre o fenômeno é um possível fator que pode promover a banalização do *bullying*, e de acordo com a pesquisa, para os alunos, o *bullying* nada mais é do que uma prática normal que faz parte do processo de socialização no ambiente escolar (REIS, 2020).

Segundo Neto (2005 p.3), aproximadamente 20% dos alunos que são autores do *bullying* também sofrem com o ato, sendo denominados alvos/autores. E esse fenômeno pode estar relacionado a possíveis alterações psicológicas, ou ligado diretamente a baixo auto estima, depressão, insegurança e outros fatores que podem favorecer a prática de *bullying* como meio de encobrir as próprias limitações.

Dentre as possíveis razões que podem levar autores de *bullying* ao comportamento agressivo estão o desajuste social, a permissividade, excesso de tolerância e/ou opressão parental, necessidade de aceitação pessoal associado a relação de prazer envolvido na prática da conduta, que de certa forma coloca o autor como sujeito de relevância perante a vítima (REIS, 2020).

Neto (2005 p.45), menciona em seu artigo alguns dos fatores de risco que podem estar associados ao comportamento do autor praticante de *bullying*, que podem ser econômicos, sociais e culturais, podendo impactar direta ou indiretamente no comportamento do agressor, nota-se também aspectos inatos de temperamento e influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade, que podem constituir riscos para a manifestação do *bullying*, causando impacto no desenvolvimento e na saúde da criança ou adolescente.

Dentre as condições familiares que podem favorecer o desenvolvimento agressivo na criança e no adolescente estão a falta de estrutura familiar, pobreza de afeto, maus tratos físicos, explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais ou responsáveis, negligência e falta de limites (MATOS, 2020).

Além de fatores individuais que também podem colaborar para a prática de comportamento agressivo como, distúrbios de comportamento, hiperatividade, baixo desempenho escolar, impulsividade e dificuldades de atenção. O autor de *bullying* vê sua agressividade como qualidade, tem opiniões positivas sobre si mesmo e na



maioria das vezes é mais forte que seu alvo e sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros (NETO, 2005).

Matos (2020), aponta que a maioria dos autores do *bullying* apresentam baixa autoestima e dificuldades empáticas, e assim como Reis (2020 p.156), traz em seus estudos a relação do *bullying* associada a obtenção de status social por parte dos colegas.

Em seus estudos, Reis (2020 p.157) analisou a violência escolar e o ajuste psicossocial (autoestima, solidão e satisfação com a vida) com base na participação e envolvimento da comunidade, e descreveu em seus resultados que o estudante que possui maior envolvimento familiar e social apresenta melhores resultados de convívio e elevação na autoestima geral e social, enquanto os alunos que possuíam conduta agressiva em ambiente familiar e apresentaram baixa participação social obtiveram pontuações altas em solidão e violência.

Ao que tudo indica, além do comportamento agressivo dos autores do *bullying* estar associado a questões individuais, psicossociais, culturais, sociais e familiar, a falta de conhecimento sobre normas sociais e o autocontrole da violência, contribuem para elevação dos casos de *bullying* no ambiente escolar (NETO, 2005).

4.1.1. Porque a violência nas escolas é tão comum no Brasil e no mundo?

De acordo com Rosa (2010), a violência nas escolas é um fenômeno real que já faz parte dos problemas sócio-políticos do país. Trata-se de uma questão multicausal e complexa que demanda ainda análises e estudos mais aprofundados. Entretanto, pode-se dizer que tal violência tem decorrências históricas e sociais. Portanto, não se pode vincular a violência nas escolas a um único fator, pois envolve questões familiares, abuso e violência doméstica, carências sociais, influências negativas, dentre outros fatores. Todas essas condições externas acabam refletindo diretamente no desenvolvimento psicológico e emocional dos alunos, bem como, afetando o desenvolvimento escolar e social, o que impacta diretamente no



desenvolvimento psicossocial das vítimas, causando transtornos que podem persistir até a fase adulta (MARTINS e TORRES, 2016).

Diante da multicausalidade da violência dentro das instituições de ensino, não existe uma estratégia-padrão a se aplicar diante desses casos. Cada situação é única, portanto, cabe à equipe escolar desenvolver estratégias para lidar com cada um deles, levando em consideração a subjetividade de cada aluno (ROSA, 2010). Sendo assim, é importante que as escolas tenham conhecimento das experiências vividas pelos alunos dentro e fora dela, bem como no seio familiar e na convivência social. Para isso, a família pode ser uma grande aliada (MARTINS e TORRES, 2016).

Sendo assim, pode-se dizer que o motivo da violência no ambiente escolar ser tão comum nos dias de hoje, está diretamente relacionada ao ambiente no qual cada aluno está inserido. Se o ambiente é hostil, esse aluno irá externalizar essa hostilidade. Sendo assim, o diálogo, juntamente com o apoio da família é a melhor estratégia para prevenir situações de violência no ambiente escolar. Essa união pode contribuir positivamente para a redução do problema, beneficiando toda a sociedade (ROSA, 2010).

De acordo com Rosa (2010), o *bullying* é o tipo de violência mais comum dentro das escolas. A *Plan International*, uma organização não governamental voltada para o desenvolvimento de crianças ao redor do mundo, apontou em seu relatório publicado em 2010, sobre *Bullying Escolar no Brasil*, que 350 milhões de crianças e adolescentes no mundo são vítimas de *bullying* no país. Para levantar esses dados, a *Plan International* realizou uma pesquisa com 5.168 alunos de 5ª a 8ª série de vários Estados e verificou que 27,84% se declararam como vítimas, 29,08% como agressores e 14,01% ao mesmo tempo como vítimas e agressores. Cerca de 70% dos alunos informaram ter visto, pelo menos uma vez, um colega ser maltratado no ambiente escolar no ano de 2009, e cerca de 20% dos alunos presenciam atos de violência dentro da escola com uma frequência muito alta (KOYASHIKI, 2012).

Contudo, a prática do *bullying* se torna cada vez mais comum nas escolas e também na internet. Uma pesquisa realizada pelo IBGE diz que quase a metade dos alunos entrevistados na pesquisa (46,6%) afirmaram que já sofreram algum tipo de *bullying* e se sentiram humilhados por colegas da escola. A maioria (39,2%) afirmou



que já foram humilhados às vezes ou raramente e 7,4% disseram que essa humilhação acontece com frequência e entre os principais motivos está a aparência. Comparando a pesquisa anterior, feita em 2012, o número de casos de alunos que relataram já ter se sentido assim no colégio aumentou. Em 2015, eram 46,6% dos alunos. Em 2012, eram 35,3%.

Essa prática não tem aumentando somente no Brasil, mas também no mundo. Em uma pesquisa global sobre o *cyberbullying*, o Brasil é o segundo país em que as ofensas em meios digitais são mais frequentes. O Brasil só perde da Índia, onde 37% disseram que as crianças ou adolescentes foram tratados de forma ofensiva – a média global é de 17%. Dentre as 28 nações, a Rússia é o único país onde os pais não relataram casos de *bullying* na internet (Bretas, 2018).

Os motivos pelos quais isso vem acontecendo e aumentando podem ser diversos, segundo Raymundo de Lima, doutor em Educação e professor do Departamento de Fundamentos da Educação da UEM, acredita que o *bullying* possa ser uma hipótese para o desencadeamento dos massacres amok ocorridos em escolas. A síndrome de *Amok* é definida pela psiquiatria como uma explosão súbita e espontânea de raiva intensa, que leva o indivíduo a atacar indiscriminadamente outros seres vivos (pessoas e animais) que aparecerem no seu caminho (KOYASHIKI, 2012).

Paini e suas orientandas destacam que vários fatores contribuem para desencadear a violência, tais como: a desestruturação familiar, problemas de ordem socioeconômica, influência da mídia, falta de recursos que propiciem melhor segurança em todos os ambientes escolares, inclusive no entorno da escola. Citando a pesquisadora Paula Cunha Gomide, dizem ainda que as crianças “educadas” com regras frouxas se tornam adolescentes sem limites, que não respeitam regras nem autoridades (KOYASHIKI, 2012).

5 IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO BULLYING NA VIDA ADULTA

De acordo com Pereira (2012 p.609), a infância e a adolescência são etapas fundamentais do desenvolvimento físico e psíquico do sujeito. Durante essas fases é



essencial que o indivíduo seja protegido, especialmente em situações de violência ou traumas, pois estes podem contribuir para inúmeros prejuízos na estrutura psíquica da vítima que podem persistir até a fase adulta. Os traumas causados pelo *bullying* nos alunos vitimados, podem ter consequências terríveis em toda sua vida, dependendo da frequência e intensidade do assédio, bem como das características da vítima, variando em relação ao impacto sobre diversas esferas da vida dos indivíduos (ALBUQUERQUE, WILLIAMS e D’AFFONSECA, 2013).

Pessoas que sofrem *bullying* quando crianças, são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a vítima, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais quando adultos, instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros (NETO, 2005).

As consequências do *bullying* são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de *bullying* (em maior ou menor proporção). Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema. Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O *bullying* também pode agravar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio (PEREIRA 2012, apud SILVA 2010 p.54).

De acordo com estudos apresentados por Marques et al. (2019 p.10), apud Mussalem e Castro (2015 p.89), os sintomas psicossomáticos mais comuns em vítimas de *bullying* são dores no corpo (cabeça, pescoço, costas), dificuldades com o sono, falta de apetite e problemas respiratórios que podem acarretar em problemas psicológicos a longo prazo.

A exposição precoce à violência pode ser uma experiência traumática que afeta, a curto e a longo-prazo, o bem-estar físico, social e emocional das vítimas.



Dessa forma, devido ao impacto dos eventos traumáticos sobre a saúde mental dos indivíduos, essas experiências podem predispor-os tanto à resiliência quanto à vulnerabilidade (ALBUQUERQUE, WILLIAMS e D’AFFONSECA, 2013 apud MILLER, 2007).

Silva e Borges (2018 p.46), apontam que o *bullying* pode desencadear sentimentos negativos nas vítimas tais como agressividade e o sentimento de vingança, tendo como consequência os distúrbios emocionais e descontrole na personalidade, fazendo com que as vítimas reproduzam essa violência mais tarde. Em casos mais graves, a vítima pode cometer homicídio ou suicídio.

De acordo com Pereira (2012 p.35), em alguns casos, a vítima consegue superar os traumas desencadeados pelo *bullying*, como é o caso do ator e produtor Thomas Cruise Mapother IV, mais conhecido como Tom Cruise. O ator era considerado baixo para sua idade, além de disléxico, o que o tornava um alvo fácil de ataques de *bullying*. Por diversas vezes, na escola, foi intimidado e empurrado por valentões bem maiores do que ele. Isso fazia seu coração disparar e ele tinha vontade de vomitar. Sempre se sentiu excluído, sozinho e ansiava em ser aceito. “Eu não tinha um amigo mais próximo, alguém com quem eu pudesse me abrir e em quem pudesse confiar”, declarou o ator à revista *Parade*, em setembro de 2006. Sem uma ideia clara de profissão, Cruise resolveu ser padre, na tentativa de se encontrar e de se espiritualizar. Após esse período de contemplação e reflexão, Tom Cruise foi para Nova Jersey, onde iniciou seus estudos de atuação e descobriu seu talento para a arte dramática. Sobre sua infância e os traumas vivenciados no passado, Tom diz: “Pessoas podem criar suas próprias vidas. Eu vi como minha mãe lutou e possibilitou a nossa sobrevivência. Decidi que iria criar a pessoa que eu seria, não aquela que os outros gostariam que eu fosse”.

Entretanto, nem todas as pessoas conseguem superar os traumas do passado, como é o caso de Wellington Menezes de Oliveira, que no dia 07 de abril de 2011 invadiu o colégio Tasso da Silveira, sua antiga escola, e assassinou 12 alunos e deixou vários feridos. Após o massacre, ao ser cercado por policiais, Wellington se matou. A motivação do ato é incerta, embora vídeos postados na internet pelo autor dessem indícios de que sua intenção era matar os alunos, e o depoimento de um



colega próximo a Wellington, apontou que ele foi humilhado na escola várias vezes, devido ao seu jeito de ser. Wellington foi descrito como alguém quieto, introspectivo e muito tímido. Na carta escrita pelo atirador, encontrada em sua posse após ser morto havia alguns relatos de *bullying* conforme descrito neste trecho: "Muitas vezes aconteceu comigo de ser agredido por um grupo, e todos os que estavam por perto debochavam, se divertiam com as humilhações que eu sofria, sem se importar com meus sentimentos". Um ex-colega, em depoimento afirmou ainda que: "Certa vez no colégio, pegaram Wellington de cabeça para baixo, botaram dentro da privada e deram descarga. Algumas pessoas instigam as meninas: 'vai lá, mexe com ele'. Ou até incentivo delas mesmo: 'Vamos brincar com ele, vamos sacanear'. As meninas passavam a mão nele (...). ``. Presume-se que ele tenha planejado a ação com intuito de se vingar dos maus tratos ocorridos. De acordo com testemunhas, antes de atirar, ele se referia às vítimas meninas como seres impuros, e planejava matar somente elas (PEREIRA, 2012).

5.1 Doenças psicossomáticas como consequência do *bullying*

Após levantamento sobre as questões do *bullying* na infância e na adolescência, e os impactos que geram dificuldades nas relações pessoais e de trabalho, abordaremos ainda neste capítulo sobre as doenças psicossomáticas que podem desenvolver-se nas vítimas, agressores e testemunhas de *bullying*, afetando consideravelmente a qualidade de vida.

Estudo realizado por Vieira (2020 p.13) esclarece que, a curto ou a longo prazo as consequências do *bullying* podem acarretar diversas alterações psíquicas, podendo interferir no processo ensino aprendizagem, nas relações interpessoais, no trabalho, no relacionamento, e desencadear doenças físicas e emocionais afetando a qualidade de vida, podendo ser considerado um problema de saúde pública.

Além de bloqueios que interferem diretamente na autoestima, as vítimas de *bullying* podem desenvolver a longo prazo diversos tipos de doenças psicossomáticas,



dentre elas a depressão, a síndrome do pânico, a bulimia, anorexia e ansiedade (TAQUETE, 2006).

Na análise dos estudos de Vieira (2020 p.25), a depressão, baixa autoestima, ideação e tentativas de suicídio são os danos prejudiciais que mais estão relacionados ao *bullying*, o que demonstra que aspectos relacionados a autoestima podem interferir negativamente no desenvolvimento psicossocial e emocional dos jovens, podendo contribuir para o crescimento de doenças e de mortalidade.

Tabela 1- Apresentação das doenças relacionadas ao *bullying*.

Autores	Ano	Danos à saúde mental	Público Alvo
Sampaio., <i>et al.</i>	2015	Baixa autoestima; depressão, ansiedade, ideação suicida; medo; pensamentos negativistas; automutilação; sintomas psicossomáticos	Crianças e adolescentes
Pigozi; Machado.	2015	Diminuição da capacidade empática; baixa autoestima; insônia; ansiedade; depressão e ideação e tentativas de suicídio	Adolescentes
Mello., <i>et al.</i>	2016	Baixa estimativa; ansiedade; depressão; ideação e tentativas de suicídio; suicídio consumado; tristeza; vergonha; raiva; desânimo;	Crianças e adolescentes



		autorregressão; estresse psicológico e dificuldade de concentração	
Zequinão., <i>et al</i>	2016	Comportamento antissociais; baixa autoestima; perturbações mentais; tentativas de suicídio; bloqueios psicológicos	Crianças e adolescentes
Mello., <i>et al</i>	2017	Comportamento antissociais; baixa autoestima; solidão; insônia; ansiedade e depressão	Adolescentes
Silva., <i>et al</i>	2018	Comportamentos antissociais; solidão e insônia	adolescentes
Oliveira., <i>et al.</i>	2018	Depressão; ideação e tentativas de suicídio; sintomas psicossomáticos	Crianças e adolescentes

FONTE: Revista Ciência ET Praxis, 2020, 13.25: 91-104. VIEIRA, Flávio Henrique Marçal, *et al.*

Pereira (2012 p.5) em seu artigo, cita as principais doenças e transtornos decorrentes do sofrimento por *bullying* dentre elas estão:

Transtorno do pânico: Medo intenso, sem motivo aparente, que aparece sem aviso prévio e provoca sintomas físicos (calafrios, taquicardia, boca seca, sudorese, dilatação da pupila, etc.) é uma sensação de medo e ansiedade que pode



durar em média vinte a quarenta minutos, provocando angústia extrema pela sensação de medo da morte, as crises podem atacar crianças, jovens e adultos, e podem estar relacionadas a situação de estresse prolongado, incluindo a exposição ao *bullying*.

Depressão: Doença que afeta diretamente o humor, os pensamentos, o comportamento, afetando drasticamente a saúde. Os sintomas que mais representam o quadro depressivo são: tristeza persistente, ansiedade ou sensação de vazio, sentimento de culpa, inutilidade e desamparo, insônia ou excesso de sono, perda ou aumento de apetite, fadiga e sensação de desânimo, irritabilidade e inquietação, dificuldades de concentração e de tomar decisões, sentimentos de desesperança e pessimismo, perda de interesse por atividades que anteriormente despertavam prazer, ideias ou tentativas de suicídio. Em muitos casos a vivência com o *bullying* pode estar por trás desses sintomas.

Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG): sensação de medo e insegurança com intensidade, preocupação exagerada pelas situações que não se pode controlar. Quem sofre de TAG são pessoas impacientes, aceleradas, acreditam que não vão dar conta das atividades. Seus impactos negativos relacionados à saúde estão associados à insônia e irritabilidade, que podem ocasionar outros transtornos graves.

Anorexia: Transtorno alimentar que pode estar associado ao *bullying*, atinge principalmente as mulheres, em geral adolescentes ou jovens adultas, a anorexia nervosa se caracteriza pelo pavor que a pessoa tem de engordar, provocando distorção da imagem corporal em busca de um padrão de beleza inatingível. A anorexia é uma doença grave, de difícil controle, e que pode levar à morte por desnutrição, desidratação e outras complicações clínicas.

Bulimia: Também caracterizado por um distúrbio alimentar, a bulimia se desenvolve pela ingestão exagerada e compulsiva de alimentos, em especial os calóricos, e posteriormente na tentativa de se livrar da culpa e eliminar os excessos consumidos, a pessoa bulímica provoca vômito várias vezes ao dia e abusa do uso de laxantes e diuréticos com o objetivo de não engordar. Esse distúrbio pode estar vinculado a não aceitação do próprio corpo, ocasionada em algumas situações



vivenciadas de *bullying*, o que precisa ser diagnosticado e tratado o mais precocemente possível, por causar danos irreversíveis à saúde.

Além dessas, são recorrentes a fobia social (Transtorno de Ansiedade Social - TAS), e a fobia escolar, ambas relacionadas ao medo excessivo em estar diretamente no convívio social, podendo apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações de transtorno do pânico, dentro da própria escola; ou em outro ambiente doméstico ou social, a pessoa pode ter vivenciado o *bullying* e possuir lembranças traumatizantes gerando medo e ansiedade em se expor (PEREIRA, 2012).

E de acordo com os estudos relacionados, à ausência de amparo às vítimas e agressores, a pouca eficiência de programas de intervenção e prevenção em relação a violência na escola, e a ausência de políticas públicas efetivas que garantam a diminuição dos atos agressivos, contribuem para o crescimento de episódios de *bullying*, onde crianças e adolescentes estão mais propensos a sofrerem consequências crônicas de saúde na vida adulta (VIEIRA, 2020).



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo que abrangesse a temática do fenômeno *bullying* e seus efeitos pós vida adulta, principalmente nas vítimas. O ponto fundamental da pesquisa inicialmente, seria abordar as características das pessoas que sofreram *bullying* na infância e adolescência, elencando as implicações do sofrimento no processo de desenvolvimento e os efeitos impactados nas relações sociais, interpessoais, de afeto, e de trabalho; bem como levantar dados que trouxessem informações sobre adoecimento com relação a vivências traumáticas na infância.

E para abordar essa temática foi preciso mergulhar sobre o universo chamado *bullying* para conseguirmos desenvolver este estudo, e na maioria dos artigos consultados foi possível perceber que a vivência do *bullying* na infância e adolescência pode desencadear vários impactos negativos levando a vítima a desenvolver traumas, doenças físicas e emocionais podendo ocasionar até a morte.

Alguns artigos descreveram o *bullying* como um fenômeno social e mundial, que pode ser vivenciado por diversos tipos de pessoas independente de classe, e que seu maior cenário no Brasil e no mundo é a escola (seja particular ou privada). O *bullying* é considerado o mais frequente e visível tipo de violência juvenil, portanto pode ser considerado como um problema sócio político.

Importante ressaltar que a falta de compreensão dos impactos do *bullying* acabam por promover a banalização do mesmo, e a consequência disso é que de acordo com as pesquisas realizadas, para alguns alunos, o *bullying* nada mais é do que uma prática normal que faz parte do processo de socialização no ambiente escolar, e que a falta de esclarecimento sobre o assunto faz aumentar o número de casos.

Foi possível encontrar no material consultado, algumas razões que podem levar praticantes de *bullying* ao comportamento agressivo, como: o desajuste social, a permissividade, excesso de tolerância e/ou opressão parental, necessidade de aceitação pessoal e prazer na conduta agressiva. Alguns autores disseram que



vítimas de *bullying*, são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos, e quanto mais jovem for a vítima, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais, instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros. No entanto, deve ser considerada a subjetividade dos envolvidos bem como as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade, seja para vítima ou agressor.

Diante de tantas informações relevantes sobre este fenômeno não podíamos deixar de relatar sobre as doenças psicossomáticas que estão associadas ao *bullying* como: ansiedade, depressão, fobia, síndrome do pânico, compulsão, distúrbios emocionais e descontrole na personalidade, que em casos mais graves, pode levar ao homicídio ou suicídio, e a maioria das pesquisas encontradas demonstraram os impactos negativos que o *bullying* pode provocar tanto na vítima quanto no agressor.

Abordar esse tema nos gerou curiosidade e também muitas angústias, visto que como futuras profissionais da psicologia teremos pela frente um grande desafio na elaboração de metodologias que possam dar aporte a prevenção da prática do *bullying*, bem como buscar técnicas que possam auxiliar no tratamento de pessoas vítimas de *bullying*, que adquiriram durante o processo de desenvolvimento, traumas e dores emocionais vividas na infância.

Entendemos que é extremamente importante auxiliar o sujeito praticante ou vítima de *bullying*, na elaboração das suas questões emocionais, seja através do suporte psicológico ou com acompanhamento de uma equipe pedagógica, no entanto foi possível identificar que há uma grande deficiência na estruturação das escolas e falta políticas públicas voltadas para a prevenção e o combate do *bullying* principalmente no Brasil, tornando um problema social e de saúde pública.

Há uma concordância entre os autores que a exposição vexatória dos episódios de *bullying* sofridos no período da infância e da adolescência contribuem grandemente na promoção de desequilíbrio emocional na vida adulta que podem interferir na autoestima, causando insegurança no indivíduo, e podendo desencadear distúrbios emocionais, traumas e provocando doenças, podendo afetar negativamente



a vida da vítima ou agressor, e trazendo diversos prejuízos pessoais, social e profissional.

Verifica-se que mesmo com a existência de alguns programas de intervenções e prevenção ao *bullying*, é necessário a efetivação de políticas públicas que garantam à diminuição desses episódios de violência nas escolas, visando à qualidade de vida das crianças e adolescentes contribuindo para o desenvolvimento e construção de uma vida adulta mais sadia e conseqüentemente mais feliz.

Os diversos autores consultados neste estudo nos fizeram refletir ainda mais sobre a importância da pesquisa na construção do conhecimento, a fim de proporcionar uma visão mais ampla sobre o assunto. Portanto é extremamente necessário o investimento em acervos acadêmicos, e referencial de teor científico que contribuam para amplitude dos nossos saberes como futuras psicólogas.

Encerramos este trabalho com uma reflexão: Nenhum ser humano merece ser julgado, ofendido e humilhado, seja por qualquer característica que o diferencie dos demais, ou por algum motivo que demonstra sua vulnerabilidade, fraqueza ou insegurança. Entendemos que quem pratica o *bullying* precisa ser ouvido e seus atos impedidos, quem assiste a violência aplaudindo ou validando, precisa ser ouvido e responsabilizado, e por fim quem sofre o *bullying* precisa ter a sua dor acolhida e fortalecida em processos de ressignificação para diminuir os impactos sofridos; numa premissa de que todo ser humano é passível de ser agente passivo ou ativo em uma prática de ação ou reação, sendo necessário compreender onde está localizada dor, na tentativa de impedir que uma ferida aberta sangre sobre alguém que não causou nenhum ferimento.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, RA.A. **BULLYING: O PAPEL DO EDUCADOR E A REALIDADE NAS ESCOLAS—UM ESTUDO INTRODUTÓRIO**. Monografia referente ao título de bacharelado em Pedagogia. Fortaleza-CE. 53 páginas. 2013.

ALBUQUERQUE, P.P.W; D’AFFONSECA, L.C.A; MAZO, S. Efeitos Tardios do Bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma Revisão Crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Jan-Mar 2013

BALOGH, I.R.S. **A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O bullying e o suicídio como efeito devastador na educação**. Tese de Doutorado em Educação e Contemporaneidade. Salvador-BA. 275 páginas. 2020.

BANDEIRA, C.M; HUTZ, C.S. *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP, 2012.

BRASIL. **Lei 13185/15** de 6 de novembro de 2015, Presidência da República. Jusbrasil. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/253144600/lei-13185-15>>. Acesso em: 9 Jun. 2021.

BRETAS, V. **Brasil fica em segundo lugar em ranking global de ofensas na internet**. Exame. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/brasil-fica-em-segundo-lugar-em-ranking-global-de-ofensas-na-internet/>>. Acesso em: 9 Jun. 2021.

FREIRE, A.N; AIRES, J.S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. **Psicol. Esc. Educ.** vol.16 no.1 Maringá Jan./Jun 2012.

HUMPEL, P.R.A; BENTO, K.C.M; MADABA, C.M. BULLYING VS. EDUCAÇÃO ESCOLAR INCLUSIVA. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, 2019.



KOYASHIKI, Rose. **Fenômeno conhecido como bullying é cada vez mais comum nas escolas**. 2012. Disponível em:

<http://www.jornal.uem.br/2011/index.php/edicoes-2012/90-jornal-104-abril2012/814-fenomeno-conhecido-como-bullying-e-cada-vez-mais-comum-nas-escolas>. Acesso em: 23 maio 2021.

MARQUES, E. R. R *et al.* O BULLYING E OS DANOS À SAÚDE MENTAL. **Temas em Saúde** - Volume 19, Número 4, 2019.

MARTINS, A.C.C; TORRES, M.C.B.S. Violência escolar: uma reflexão sobre suas causas e o papel do Estado. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 21, n. 4925, 25 dez. 2016.

MATOS, V.J *et al.* Autoestima e *bullying*: uma revisão integrativa. **Revista Educar Mais**, v. 4, n. 3, p. 557-590, 2020.

MEDEIROS, N.C. **Os professores diante do Bullying nas salas de aula**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MENDES, J.F; SOARES, A.M; SAGAZ, V.R. **O PSICÓLOGO NA PREVENÇÃO DO BULLYING ESCOLAR: VISÃO DOS ALUNOS DO SEXTO ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PONTA GROSSA-PR**. Trabalho de conclusão de curso. 2011.

NETO, A.A.. *Bullying* — comportamento agressivo entre estudantes. 2005. **J. Pediatr.** (Rio J.) vol.81 no.5 suppl.0 Porto Alegre Nov. 2005.

OLIVEIRA, E.C. O *BULLYING* NA ESCOLA: COMO ALUNOS E PROFESSORES LIDAM COM ESTA VIOLENCIA? 2015. **Revista Fundamentos**, V.2, n.1, 2015.

OLIVEIRA, W. A de *et al.* Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 751–761, 2018.

PEDROSA, Antônia Rocha. **O BULLYING NAS ESCOLAS: COMO COMBATER**. 2015. Disponível em: <https://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/11/o-bullying-nas-escolas-como-combater.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2021.

PEREIRA, K.K. **CONSEQUÊNCIAS E IMPLICAÇÕES DO BULLYING NOS ENVOLVIDOS E NO AMBIENTE ESCOLAR**. 2012. Disponível em: <https://cdn.domtotal.com/direito/uploads/pdf/8aa3ef2975e4ac2c91c74e3e9da646d6.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2021.



PORFÍRIO, F. "**Cyberbullying**"; Brasil Escola. 2015. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso em 22 de março de 2021.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Conhecendo o Bullying e o Cyberbullying. 2020. Portal Educação.** Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/conhecendo-o-bullying-e-o-cyberbullying/60389#:~:text=O%20professor%20e%20pesquisador%20noruegu%C3%AAs,sofridas%20por%20eles%20na%20escola..> Acesso em: 23 maio 2021.

QUINTANILHA, C. M. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying.** 2011. Disponível em: <http://www.fpp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/cmq.2.2011.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

REIS, Katarina Pereira et al. A percepção dos praticantes de *bullying* na escola. Educação (UFSM), v. 45, p. 77-1-27, 2020.

ROSA, M. J. A. **VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: REFLETINDO SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS PARA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.** 2010. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8 | jul-dez de 2010.. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/download/BULLYING/LEITURA%202.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SCHREIBER, F. C. C; ANTUNES, M.C. *Cyberbullying: do virtual ao psicológico.* **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 35, n. 88, p. 109-125, jan. 2015 .

SILVA, D. O; STELKO-PEREIRA, A.C; PAROSCHI, E.E.S. Aconselhamento educacional e familiar à vítima e ao agressor do *bullying.* **Acta Científica. Ciências Humanas**, v. 22, n. 1, p. 9-24, 2013.

SILVA, J.C.O; BROTHERHOOD, R. M. **BULLYING ESCOLAR NO BRASIL: VISÃO TEÓRICA, CONCEPÇÃO DE PROFESSORES E ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS.** 2012. Niciação Científica CESUMAR Jul./Dez. 2012, v. 14, n. 2, p. 143-154. Disponível em: <file:///home/chronos/u-94f2110730322784930d93634e79700c8cb25c32/MyFiles/Downloads/2559-Texto%20do%20artigo%20-%20Arquivo%20Original-9560-1-10-20121218.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.



SILVA, L. O; BORGES, B. S. **BULLYING NAS ESCOLAS**. 2018. Direito & Realidade, v.6, n.5, p.27-40/2018. Disponível em: <file:///home/chronos/u-94f2110730322784930d93634e79700c8cb25c32/MyFiles/Downloads/1279-4685-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SOUSA, H. N *et al.* BULLYING: novo desafio para as escolas. 2011. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/PODER_VIOLENCIA_E_POLITICAS_PUBLICAS/BULLYING_NOVO_DESAFIO_PARA_AS_ESCOLAS.pdf. Acesso em: 22 maio 2021.

TAQUETTE, S.R. Doenças psicossomáticas na adolescência. **Adolescência e Saúde**, v. 3, n. 1, p. 22-26, 2006.

VIEIRA, Euripedes Falcão. A sociedade cibernética. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro , v. 4, n. 2, p. 01-10, Jun 2006 .

VIEIRA, F. H. M.; ALEXANDRE, H. P.; CAMPOS, V. A.; LEITE, M. T. de S. Impactos do *bullying* na saúde mental do adolescente. **Ciência ET Práxis**, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 91–104, 2020.